

Radiojornalismo e Segurança Pública: Uma Análise Narrativa do Programa Patrulha da Cidade (1960)¹

Kaique SILVA²

Ricardo BEDENDO³

Universidade Federal de Juiz de Fora-MG

Resumo

Pretende-se abordar neste artigo as características dos jornalismo policial e de segurança pública no radiojornalismo brasileiro, aprofundando seus elementos narrativos, como a oralidade, sonoplastia, ruídos e silêncios, a fim de investigar uma possível agenda “sensacionalista” nessa área estimulada e potencializada por esses elementos narrativos. Da mesma forma, buscamos refletir sobre os desafios éticos e sobre as dinâmicas complexas de composição do que chamamos, atualmente, de Jornalismo em Segurança Pública. Por meio de uma análise comparativa de conteúdo (Lopez, 2022), serão colocados em diálogo dois episódios transmitidos em épocas distintas (1999 e 2013) do programa de radiojornalismo policial Patrulha da Cidade, a fim de observarmos, em sua trajetória, suas mudanças e permanências.

Palavras- chave: segurança pública; radioteatro; radiojornalismo; narrativa.

Introdução

Neste artigo, busca-se observar e tensionar algumas reflexões acerca do jornalismo de segurança pública e sua fluidez no radiojornalismo. Para conduzir essa investigação, partimos de uma suposição relacionada às narrativas criadas por esses programas: eles contam histórias sobre tragédias e crimes de maneira intensa, fazendo uso de uma arquitetura sonora com potencial de extrapolar sensações e revigorar o debate sobre a linha tênue entre a ética e a estética “sensacionalista”. Nesse sentido, levantamos o seguinte questionamento: os recursos

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, evento do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 01 a 05 de setembro de 2025.

² Estudante de Graduação 8º. período do Curso Bacharel Jornalismo Integral FACOM-UFJF, bolsista PET-FACOM - Programa de Educação Tutorial, email: kaique.matheus@estudante.ufjf.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Bacharel Jornalismo Integral FACOM-UFJF, email: ricardo.bedendo@ufjf.br

narrativos de linguagem presentes nos programas de radiojornalismo contribuem para uma agenda “sensacionalista”, no sentido de romper com os limites da ética profissional?

Para aprofundar essa discussão, em um primeiro momento, iremos construir um caminho teórico, perpassando questões históricas e contemporâneas em torno do radiojornalismo e da reportagem policial. Para discutir essas questões, iremos sobrevoar e delimitar um ponto de contato estratégico entre as raízes tradicionais em torno do radiojornalismo policial e os debates mais atuais sobre o que alguns pesquisadores denominam jornalismo em segurança pública (Bedendo, 2013). Essa conceitualização é importante para pensarmos nas problemáticas em torno das atividades jornalísticas sobre segurança pública na atualidade. Também iremos enfatizar a singularidade do conteúdo referente à cobertura de segurança no radiojornalismo, seus desafios e, principalmente, sua trajetória histórica.

Em um segundo momento, será realizada a análise do nosso objeto de estudo, a fim de encontrar pistas que possam ilustrar e trazer inferências a nossa hipótese. Para elaborar essa investigação, propõe-se a análise de conteúdo comparativo (Lopez, 2022), pautada em uma verificação preliminar de dois episódios do programa de rádio Patrulha da Cidade. Todos esses episódios foram produzidos e transmitidos em épocas distintas e, portanto, temos a oportunidade de compreendermos as mudanças narrativas e de linguagem dessa produção ao longo dos anos.

Jornalismo em segurança pública: breve histórico

Para pensarmos sobre a produção jornalística na área de segurança, é preciso levar em conta o conceito de “sensacionalismo” e entendê-lo como peça central e com ampla força simbólica no conteúdo dessas produções. Nesse sentido, Angrimani diz que: “sensacionalismo é a produção que extrapola o real, que superdimensiona o fato” (Angrimani, 1994, p. 16). Outro pesquisador relevante para o debate, Bucci (2009, p.59/60) acrescenta que, normalmente, na composição das notícias desse setor o personagem principal “é a morte , ela mesma [...] a morte é protagonista do sensacionalismo, mesmo quando sensacionalismo parece falar de sexo. A morte manda nele.” O autor faz questão de enfatizar,

ainda, que “o artesão das manchetes mais escabrosas, em seu manuseio delicado das palavras mais horrendas, beija a morte na boca, todas as noites” (Bucci, 2009, p.59/60).

Nesse sentido, a conceitualização de segurança pública se apresenta como uma expressão possível para abarcar esse contexto social, tendo em vista que segurança pública é um “status na sociedade contemporânea de qualidade de vida e bem-estar social, em eixos diversificados” (Bedendo, 2013, p.27). Desse modo, entende-se bem-estar social como um conjunto de ações políticas de todas as instâncias de poder articuladas em conjunto com a sociedade e seus indivíduos.

A partir dos anos de 1990, parcelas da sociedade despertaram para a gravidade das questões inerentes à segurança pública e “se articularam não só para denunciar essa situação, mas também para desenvolver pesquisas e realizar experiências inovadoras de gestão e políticas públicas” (Ramos; Paiva, 2007, p.13). Assim, com o passar dos anos, a criminalidade começou a ser noticiada de outra forma pela imprensa brasileira. As autoras destacam que “uma alteração significativa foi o ingresso nas páginas dos jornais, especialmente a partir da segunda metade dos anos 1990, de pautas sobre segurança pública” (Ramos; Paiva, 2007, p.17).

Com o objetivo de argumentar sobre o que é apresentado como “fato” na cobertura de segurança pública pela mídia, Marcos Rolim ressalta: “um assassinato, por exemplo, parece desejar ‘emancipar-se’ de suas circunstâncias...” (Rolim, 2006, p.190). Ou seja, o assassinato é retratado de maneira objetiva e descritiva, acompanhado de informações gerais: “onde?”, “como?” e “por quê?”, distanciando-se de particularidades que também estão diretamente relacionadas ao fenômeno. O autor complementa dizendo que o assassinato “... já é mostrado, invariavelmente, sem que se permita qualquer referência às condições que poderiam ser identificadas como precursoras da própria violência.” (Rolim, 2006, p. 190).

Radiojornalismo brasileiro e a reportagem sobre segurança pública

A história da reportagem policial no rádio tem início no século XX e, até os dias atuais, possui um papel importante na divulgação de informações sobre fenômenos de segurança pública na sociedade (Pacheco, 2005). Como relembra Manso (2023, p.1), “desde o começo do século 20, quando os jornais se popularizaram e começaram a levar informações sobre os acontecimentos frenéticos das cidades, a reportagem policial foi uma fonte

inesgotável de histórias”. Temos como exemplo o programa de rádio Patrulha da Cidade, com mais de 60 anos de longevidade.

Paras Pacheco “os programas policiais nas emissoras populares ainda destacavam-se pela fórmula de transmitir a notícia juntando um estilo de radioteatro e jornalismo” (Pacheco, 2005, p. 13). Nesse sentido, as influências narrativas de outros gêneros presentes no rádio irão servir de apoio e nos ajudarão a contextualizar historicamente os programas policialescos no radiojornalismo brasileiro.

Como bem pontua Wilson (1984, p. 80), “se você ligasse o rádio em uma manhã de abril deste ano, na Rádio Globo de São Paulo (...) iria ouvir, às 9 horas, o Gil Gomes descrevendo como um sangue corria de um buraco de bala na cabeça de um homem”. O profissional a que o autor se refere é o radialista Gil Gomes, que, entre as décadas de 80 e 90, cumpriu um papel singular no radiojornalismo brasileiro, sobretudo nas coberturas sobre segurança pública.

Gil Gomes narrou diversos crimes de maneira minuciosa, descrevendo gestos, ações e motivações pessoais dos criminosos e das vítimas da violência. As narrações de Gil vinham acompanhadas de inúmeros comentários estereotipados sobre os acontecimentos reportados pelo locutor, como “esses bandidos não têm coração” e “o país está cada vez mais à mercê desses marginais”. Pacheco ressalta que “Gil Gomes, naquela época, na Rádio Record, das 08h às 10h da manhã, atingia picos de 53% de audiência, configurando um novo gênero radiofônico” (Pacheco, 2005, p. 13). Esse novo gênero, conforme descreve Pacheco, possuía uma estrutura baseada na dramatização, na oralidade e na presença de efeitos sonoros que contribuíam para criar tensão e suspense em diversas reportagens policiais naquela época.

Metodologia

O estudo se debruça sobre dois momentos históricos em um estudo comparativo. Dessa forma, a partir do debate teórico contextual, o trabalho constitui uma análise conceitual e prática acerca da reportagem na área de segurança pública no radiojornalismo. A metodologia utilizada neste estudo é a categorização proposta por Lopez (2022). Fundamentada na análise de conteúdo de Bardin (1977), a pesquisadora busca retirar inferências dos objetos ao combinar dados contextualizados historicamente, procurando observar os fenômenos de convergência por meio de uma análise qualitativa de conteúdo

instrumental (LOPEZ, 2022).

Nesta análise, serão observados dois episódios do programa, veiculados em décadas diferentes — 1999 e 2013 — com o objetivo de identificar aproximações e distanciamentos na construção narrativa e sonora de suas reportagens, com base na categorização proposta por Lopez (2022) acerca do uso de recursos sonoros na construção de narrativas intensas e, possivelmente, “sensacionalistas”. Nesse processo, considera-se que “nada é ignorado neste cenário, sendo a presença e a ausência observadas como dados que podem ser interpretados e considerados como contexto para uma inferência” (Lopez, 2022, p. 49). Desse modo, por meio do percurso metodológico adotado, torna-se possível contextualizar e interpretar a presença, a ausência e a intensidade dos elementos sonoros que orientam a questão central da pesquisa. Portanto, a análise de áudio - sonoplastia - de ambas as produções se baseia no quadro criado pela pesquisadora. O objetivo é mensurar semelhanças e distanciamentos entre os dois episódios em suas categorias e unidades de registro.

Categoria	Unidades de registro
Sonorização	Ambiental ou descritiva, Expressiva, Narrativa e Ornamental
Origem dos efeitos	Reais e Construídos
Perspectiva sonora	Estática e Variável
Trilha	Expressivo-emocional, Narrativa, Ornamental
Recomposição de cenários	Alto nível de complexidade (explora personagens em diálogos, silêncios, efeitos e/ou trilha) Médio nível de complexidade (explora personagens somados a um ou dois elementos da linguagem sonora) Baixo nível de complexidade (explora personagens sem combinação por justaposição a outros elementos da linguagem sonora)

Quadro 1 – Análise de áudio - recursos expressivos. Fonte: LOPEZ, Debora, 2018 - 2019.

A partir dessa base teórica, analisamos dois episódios do “Patrulha da Cidade” todos eles produzidos e transmitidos em épocas distintas.

Análise narrativa do programa Patrulha da Cidade

O programa Patrulha da Cidade, transmitido pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro há mais de 60 anos, é um marco no radiojornalismo policial brasileiro. Criado pelo jornalista Afonso Soares na década de 1960, o programa consolidou uma linguagem própria ao noticiar crimes, tragédias e fatos relacionados à segurança pública, mesclando informação, dramatização e humor. Nesta análise, serão observados dois episódios do programa, veiculados em décadas diferentes — 1999 e 2013 — com o objetivo de identificar aproximações e distanciamentos na construção narrativa e sonora de suas reportagens.

De início, é importante destacar a dificuldade em localizar acervos completos do programa ao longo de sua existência. A análise, portanto, se baseia em episódios disponibilizados em plataformas online, considerando suas características sonoras e narrativas. O primeiro episódio foi veiculado em 30 de outubro de 1999, com duração de 55 minutos. O programa começa com chamadas como “bateu de frente com a polícia e foi pro passaralho” e “PM de pijama baleado em sacode”, seguidas de intensos efeitos sonoros de tiros e gritos, antes mesmo da entrada da vinheta principal. Em seguida, o âncora relata um episódio de violência envolvendo a destruição de veículos durante um baile, descrevendo os envolvidos como “selvagens” e “canalhas”, em uma fala que reforça a criminalização e a desumanização dos sujeitos, ao som de efeitos de incêndio. Essa construção é interrompida momentaneamente quando a repórter Daria Brum entra ao vivo para entrevistar a esposa de um policial desaparecido. Nesse momento, os efeitos cessam e a entrevista ocorre de maneira sóbria, com perguntas sobre os filhos, o apoio da polícia e possíveis suspeitos. A reportagem é finalizada e o programa retorna à sua dinâmica habitual: uma sequência de notícias apresentadas em tom humorístico, com encenações e efeitos que simulam pancadas, tiroteios, vozes alteradas e expressões populares. O humor e a ironia são elementos constantes e servem como “alívio cômico” em meio à violência retratada.

O segundo episódio, veiculado em 30 de novembro de 2013, tem 22 minutos e começa com jingles publicitários, trilha sonora e vinheta em tom dramático, com trilhas de ação e efeitos que anunciam um conteúdo policial. O locutor Garcia Duarte apresenta o programa ao lado de Hélio Júnior, que inicia com a chamada: “tiroteio levou pânico à favela pacificada da Rocinha”. A notícia é seguida por uma sequência de tiros e sirenes, criando um ambiente sonoro de tensão. O roteiro segue a fórmula tradicional do programa: um breve relato factual é seguido por uma dramatização humorística encenada por radioatores. Em um dos casos, o assassinato de uma senhora por um ladrão na favela do Bandeirão é representado com falas como “não aguento mais tropeçar em defunto, por isso que eu não deixo de pagar a milícia”, encerrando com a frase “o boneco foi levado fresco pro gelinho do IML”, antes da vinheta da Rádio Tupi. As outras duas reportagens seguem o mesmo padrão narrativo, com frases de efeito, humor e encenação. Ao confrontarmos os dois episódios do programa Patrulha da Cidade, transmitidos em 1999 e 2013, é possível identificar aproximações estruturais e distanciamentos técnicos e estéticos à luz da categorização proposta por Lopez (2018–2019).

No que diz respeito à sonorização, ambos os episódios fazem uso intenso dos recursos ambientais ou descritivos (como sons de tiros, gritos, sirenes, incêndios e movimentação urbana) e expressivos (trilhas que provocam tensão, humor ou dramatização). A presença dessas sonorizações atua como uma descrição dos acontecimentos de fundo, ela amplifica o impacto emocional e orienta a escuta do ouvinte. Nesse sentido, ambos os episódios se aproximam ao explorar a sonorização como elemento dramático, ainda que com intensidades diferentes. O episódio de 1999, por exemplo, apresenta uma alternância mais clara entre momentos de sonorização intensa e pausas durante a entrevista com a esposa do policial desaparecido, o que indica um controle mais variável da expressividade sonora. Já no episódio de 2013, os efeitos e trilhas estão praticamente o tempo todo presentes, sugerindo uma sonorização mais constante.

Quanto à origem dos efeitos sonoros, ambos os episódios utilizam tanto efeitos reais (sons gravados do ambiente urbano ou simulações realistas) quanto construídos (sons criados artificialmente ou estilizados para intensificar a cena, como pancadas exageradas ou tiros).

A presença de sons construídos com função humorística, como gemidos caricatos e bordões, é mais acentuada no episódio de 2013, sugerindo uma maior aproximação com uma estética de entretenimento, quase teatral. Já o episódio de 1999, embora também recorra a esses recursos, apresenta momentos de maior sobriedade, como na cobertura do desaparecimento do policial.

Em relação à perspectiva sonora, observa-se um uso predominante da perspectiva variável em ambos os episódios, sobretudo nas encenações feitas pelos radioatores. As cenas são retratadas com vozes que simulam diferentes distâncias, direções e intensidades, o que contribui para a sensação de imersão da cena, como se existisse um esforço em nos colocar diante do que está sendo narrado. Essa construção cria a ilusão de presença no local do fato, o ouvinte é transportado para o ambiente da ocorrência, mesmo que a descrição do acontecimento não esteja ancorada em dados ou contexto aprofundado. Há, no entanto, momentos pontuais de perspectiva estática, especialmente na leitura de notas curtas e nas apresentações publicitárias.

Quanto à trilha sonora, em ambos os episódios prevalece a trilha expressivo-emocional, utilizada com o objetivo de intensificar a dramaticidade das cenas, especialmente nos momentos de violência. Além disso, há uso de trilhas ornamentais, que introduzem os blocos e reforçam o tom “sensacionalista” e, em alguns casos, humorístico das reportagens. No episódio de 2013, essas trilhas são mais presentes e estilizadas, com ritmo mais acelerado e cadência narrativa mais direta, refletindo uma possível adaptação do formato ao consumo midiático contemporâneo.

A categoria de recomposição de cenários é uma das que melhor diferencia os dois episódios. No episódio de 1999, há momentos de médio nível de complexidade, com o uso de personagens, efeitos sonoros e algumas trilhas que simulam os acontecimentos noticiados, mas com pausas que permitem certa distância crítica. Já no episódio de 2013, percebe-se uma movimentação para um alto nível de complexidade, no qual a recomposição inclui múltiplos elementos simultâneos — encenações completas com diálogos, efeitos contínuos e trilhas que atuam como pano de fundo constante. Essa justaposição cria um ambiente mais saturado de informações sonoras, reforçando o caráter de espetáculo narrativo.

Portanto, embora ambos os episódios mantenham a lógica de espetacularização e dramatização dos fatos como marca identitária do programa, o de 2013 demonstra um maior grau de sofisticação técnica na manipulação dos elementos da linguagem sonora, além de um tom mais acentuadamente cômico e performático. Por outro lado, o de 1999 apresenta uma variação tonal mais perceptível, alternando entre o “sensacionalismo” e momentos de escuta mais neutra, o que permite respiros narrativos ao longo da transmissão.

Considerações finais

A análise realizada nos convida a compreender como o radiojornalismo sobre segurança pública tem sido marcado por uma fluidez narrativa que, embora rica em recursos sonoros e estéticos, carrega também desafios importantes para a prática jornalística. Ao traçar um paralelo entre dois momentos distintos do programa Patrulha da Cidade, observamos as transformações técnicas e sonoras ao longo do tempo, mas também como elementos do radioteatro e da radionovela continuam presentes na construção das narrativas. Essa herança dramática, ao ser incorporada ao discurso jornalístico, contribui para uma representação muitas vezes “sensacionalista” e apelativa dos acontecimentos relacionados à violência e à segurança.

Por um lado, o uso de recursos como efeitos sonoros intensos, vozes caricatas e trilhas dramáticas pode ampliar o alcance e o apelo emocional do conteúdo. Por outro, esses mesmos elementos, quando não equilibrados com responsabilidade ética e compromisso com a contextualização dos acontecimentos, podem colaborar para a banalização da violência e o esvaziamento do debate público sobre suas causas estruturais. É justamente nesse ponto que reside o maior desafio: como conciliar uma linguagem radiofônica envolvente com um jornalismo crítico, ético e comprometido?

Assim, este trabalho aponta para a importância de promover um radiojornalismo que reconheça e dialogue com suas influências culturais e estéticas — como o radioteatro e a radionovela — sem, no entanto, abrir mão de sua função social de informar com responsabilidade. A construção de um jornalismo em segurança pública mais responsável, portanto, passa por repensar não apenas o conteúdo, mas também as formas narrativas utilizadas, buscando um equilíbrio entre criatividade sonora e informação.

Dessa forma, será possível contribuir para uma cobertura mais plural, crítica com sensibilidade social às complexidades que envolvem a violência e a segurança pública em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

ARAUJO, Roberto. OLIVEIRA, Rosângela. **O Sensacionalismo no jornalismo televisivo brasileiro no século XXI**. In: Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Bahia. 2020.

BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lucia Silva. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo sensacional**. ECO-PÓS - v.8, n.2, agosto-dezembro 2005, p. 67-87.

BEDENDO, Ricardo. **Segurança pública e jornalismo: desafios conceituais e práticos no século XXI**. Insular, 2013.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever de Liberdade**. Petrópolis: Contexto, 2009.

DINIZ, Adriana Leite. **Jornalismo em segurança pública: uma nova postura na cobertura da violência urbana no Brasil**. Trabalho apresentado ao programa de Pós-graduação em Docência do Ensino Superior do Instituto A Vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2006.

LOPEZ, D.C. **Novo rádio, velhas narrativas: apropriações estéticas na ficção e no jornalismo sonoro**. Covilhã: LabcomBooks, 2022.

MANSO, Bruno Paes. **De Gil Gomes ao true crime: uma breve história do jornalismo policial**. *Jornal da USP*, 27 maio 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/bruno-paes-manso/de-gil-gomes-ao-true-crime-uma-breve-historia-do-jornalismo-policial/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo policial responsável**. Monografia para o grau de Jornalista, Universidade do Contestado. Repositório Institucional da Universidade do Contestado, Mafra. <http://bocc.ufp.pt/pag/pacheco-alex-jornalismo-policial-responsavel.pdf>, 2005.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Mídia, segurança pública e representações sociais**. *Tempo Social* (Revista de Sociologia da USP), v. 21, n. 2, 2009, pp. 211-233.

WILSON, José. **“O Crime Pelo Rádio.”** Lua Nova: Revista De Cultura e Política, FapUNIFESP (SciELO), 1984.